

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-23-12>

Recebido em: 17/12/2021 | Aprovado em: 27/08/2023

Artigo Original | Original Article | Artículo Original

Editor de Seção: Fábio José Rauhen

## A RECEPÇÃO DE *ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL*, DE MIKHAIL BAKHTIN, NO BRASIL: TRADIÇÃO E RUPTURA

The Reception of Mikhail Bakhtin's Essays from <i>Aesthetics of Verbal Creation</i> : Tradition and Rupture	La recepción de <i>Estética de la creación verbal</i> , de Mijaíl Bajtín, en Brasil: tradición y ruptura
--	---

**Maria Helena Cruz Pistori\***

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo, São Paulo, Brasil

**Beth Brait\*\***

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, São Paulo, Brasil

**Resumo:** Este artigo é resultado parcial de um projeto maior que busca compreender a recepção e as particularidades assumidas pelo pensamento bakhtiniano no Brasil desde sua introdução, nos anos 1970, até os dias atuais. Para isso, analisa os textos que emolduram as traduções e (re)traduções brasileiras da obra bakhtiniana, examinando quais relações dialógicas (valorativas) podem ser observadas nesses textos-moldura: com quem dialogam e a quem se dirigem no momento de sua publicação. Este trabalho analisa a recepção brasileira aos ensaios de *Estética da criação verbal*, nas edições de 1992 e de 1997, na (re)tradução de 2003 e, ainda, nas publicações posteriores, 2016 e 2017. Os textos-moldura de cada uma dessas edições mostram como a recepção, inicialmente inserida na tradição e continuidade de um momento científico acadêmico europeu e internacional, ao longo de quatro décadas firma-se institucionalmente, revelando novos modos de ler e fazer circular a perspectiva dialógica do discurso no Brasil.

**Palavras-chave:** Recepção brasileira. *Estética da criação verbal*. Texto-moldura. Mikhail Bakhtin. Análise Dialógica do Discurso.

**Abstract:** This article is the partial result of a bigger project that seeks to understand the reception and particularities assumed by Bakhtinian thought in Brazil since its introduction in the 1970s to the present day. For doing so, it analyzes the texts that frame the Brazilian translations and (re)translations of the Bakhtinian work, examining which dialogical (evaluative) relationships can be observed in these frame-texts: with whom they dialogue and to whom they are addressed at the time of their publication. This paper analyzes the Brazilian reception of the essays on *Aesthetics of Verbal Creation*, in the 1992 and 1997 editions, in the 2003 (re)translation, and also in subsequent publications, 2016 and 2017. The frame-texts of each of these editions show how reception, initially inserted in the tradition and continuity of a European

\* Editora associada de Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso. Pós-doutorada em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0751-3178>. E-mail: [mhcpist@uol.com.br](mailto:mhcpist@uol.com.br).

\*\* Docente da Faculdade de Filosofia, Comunicação e Artes (FAFICLA), do Departamento de Ciências da Linguagem e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora 1A do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1421-0848>. E-mail: [bbrait@uol.com.br](mailto:bbrait@uol.com.br).

and international academic scientific moment, has established itself institutionally over four decades, revealing new ways of reading and circulating the dialogical perspective of discourse in Brazil.

**Keywords:** Brazilian reception. *Aesthetics of Verbal Creation*. Frame-text. Mikhail Bakhtin. Dialogic Discourse Analysis.

**Resumen:** Este artículo es resultado parcial del proyecto “Discursos de resistencia: tradición y ruptura, el cual busca comprender la recepción y las particularidades asumidas por el pensamiento bajtiniano en Brasil, desde su introducción, en los años 1970, hasta los días actuales. Para ello, analiza los textos que enmarcan las traducciones y (re)traducciones brasileñas de la obra del Círculo, examinado cómo estos *textos-marco*, o paratextos, introducen la *perspectiva dialógica*, dialogan con la misma y a quién se dirigen en el momento de la publicación. En este trabajo, observamos la recepción brasileña a los ensayos de *Estética de la creación verbal* (*Estética da criação verbal*, en portugués), en las ediciones de 1992 y de 1997, en la (re)traducción de 2003 y, además, en las publicaciones posteriores (2016; 2017). Los *textos-marco* de cada una de dichas ediciones muestran cómo la recepción, que inicialmente se inserta en la tradición y continuidad de un momento científico académico europeo e internacional, a lo largo de cuatro décadas se afianza institucionalmente, revelando nuevos modos de leer y hacer circular la perspectiva dialógica del discurso en Brasil.

**Palabras clave:** Recepción brasileña. *Estética de la creación verbal*. Textos-marco. Mijaíl Bajtín. Análisis dialógica del discurso.

---

[...] para nós o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um *limiar*, ou – expressão de Borges ao falar de um prefácio – de um “vestíbulo”, que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder.

*Gérard Genette*

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Limiar, fronteira, passagem, vestíbulo são termos que, na perspectiva de Gérard Genette, com evocação da voz de Borges, definem o que ele denomina *paratexto*, ou seja, a entrada de um edifício verbal, espaço a partir do qual um leitor, parando para ler/pensar, pode decidir se entra ou se retrocede. Mikhail Bakhtin também vai fazer, muitas vezes, referência a *limiar*, compreendendo-o não apenas como espaço, mas como tempo-espaço privilegiado, que antecede as (grandes) mudanças. Quando analisa a poética de Dostoiévski, por exemplo, ele afirma: “Em Dostoiévski os participantes da ação se encontram *no limiar* (no limiar da vida e da morte, da mentira e da verdade, da razão e da loucura)” (2008, p. 168-169). Partindo desse conceito, teorizado tanto por Genette quanto por Bakhtin, examinaremos neste artigo a recepção brasileira de *Estética da criação verbal* (Bakhtin, 1992, 1997, 2003, 2016, 2017), entendendo os textos que *emolduram* essa obra, conforme trabalhos anteriores<sup>1</sup>, como *limiar*, como entrada, como vestíbulo espaçotemporal para o texto principal, portanto, parte constitutiva do todo arquitetônico. São eles o objeto específico de nossa análise.

---

<sup>1</sup> Na perspectiva da recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil, pesquisa em desenvolvimento com apoio do CNPq/Discursos de resistência: tradição e ruptura, Processo No. 307028/2018-6, já foram publicados os seguintes resultados parciais: Brait e Pistori (2020) e Brait (2021). E, antes desses projeto, Brait (2012).

Ao introduzir a tradução ou (re)tradução, assim como especificidades do autor, do texto-fonte e de sua importância para a construção do conhecimento, os paratextos, denominados textos-moldura daqui em diante, estabelecem um consistente diálogo com a tradição, podendo inserir-se nela ou resistir a ela, sinalizando posturas, participando significativamente dos contextos de recepção, assim como de suas especificidades cronotópicas.

Os autores dos textos-moldura, aqueles que os assinam na qualidade de cientistas da linguagem, pesquisadores, tradutores (ou as três funções em conjunto), orquestram o amplo diálogo que envolve diferentes vozes axiológicas, aí consideradas as que emanam do texto-fonte, da tradução, dos olhares avaliativos e críticos de diferentes especialistas. Esses contempladores, no sentido explicitado por Bakhtin (2003, p. 10; 25; 42; 56, entre outras...; 2010, p. 42; p. 131), configuram-se como receptores autorizados, encarregados de introduzir, justificar e mostrar as faces da obra em seu percurso espaço-temporal. Isso significa que eles adentram e assumem eticamente um espaço de coautoria e, na condição de coautores, de autores-contempladores, posicionam-se, atribuem valores ao texto-fonte e sua tradução ou retradução, imprimem tons emotivos-volitivos ao todo enunciativo-discursivo, ampliando as possibilidades de leitura, de produção de sentidos, de efeitos de sentido e, conseqüentemente, de novos leitores. É natural, portanto, que a autoridade dessas assinaturas seja transferida para o texto-moldura, que passa a ser considerado como *argumento de autoridade*.

Considerando os textos-moldura presentes em traduções e retraduições, acrescentamos com Matos e Faleiros (2014):

[S]e entendemos que retraduzir é um ato de releitura e de reescritura, atravessado pela *historicidade*, pela *ideologia*, pelo *cultural*, pela *subjetividade*, pelo *político*, podemos entender que retraduzir não é substituir nem tampouco suceder, mas *acrescentar*, *pluralizar* (Matos; Faleiros, 2014, p. 52; grifos nossos).

Desse modo, quando os diferentes textos-moldura dialogam com as traduções e retraduições de uma obra, caso de *Estética da criação verbal*, de M. Bakhtin, eles acrescentam e pluralizam novas leituras e, simultaneamente, apontam para novos contextos históricos, ideológicos, culturais e acadêmicos de recepção. Neste trabalho, tradução e (re)tradução serão entendidas como uma relação singular, estabelecida entre um texto de partida e um contexto de chegada, implicando modos de ler/reler uma obra e seu autor. Um novo contexto de recepção envolve, ao mesmo tempo, a tradição temporal e espacial de estudos a respeito do autor/obra/tradução e a possibilidade de conferir ao novo trabalho do tradutor, ao texto de origem e à retradução, um estatuto diferenciado das manifestações anteriores.

Ao examinarmos, portanto, as relações dialógicas que podem ser estabelecidas entre os diferentes textos-moldura de cada tradução e retradução de *Estética da criação verbal* (doravante *ECV*), temos como objetivo, mais uma vez, contribuir para o delineamento de um panorama da recepção das traduções de Bakhtin e o Círculo no Brasil, considerando: (i) seu surgimento em um momento em que os estudos bakhtinianos ainda não tinham uma identidade científica e acadêmica brasileira, implicando um

alinhamento com a recepção internacional, com a dicção dos estudos bakhtinianos produzidos especialmente na Europa; ii) o momento atual, em que os estudos bakhtinianos brasileiros apresentam características tradutórias e científicas próprias, tendo construído uma história de recepção do pensamento bakhtiniano, ligada não apenas aos estudos linguísticos e literários, mas a outros ramos das ciências humanas, caso da educação e da história, por exemplo; (iii) sua contribuição para a constituição e fortalecimento da perspectiva dialógica da linguagem, por meio de estudiosos especialistas não apenas em língua russa, em tradução, mas também no edifício epistemológico, teórico e metodológico representado pelo conjunto da obra do pensador russo.

Como veremos mais adiante, se, nas primeiras traduções (Bakhtin, 1992, 1997, 2003), os textos-moldura eram colhidos na tradição europeia, nas mais recentes (Bakhtin, 2016 e 2017) eles têm assinatura brasileira e podem ser considerados como *enunciados de resistência* à tradição, circunscrita, em geral, ao século passado. É verdade que o conceito de resistência apresenta diferentes significados. Nossa inspiração, nesta pesquisa, será o conceito de resistência oferecido pela Física, que pode ser assim parafraseado e adaptado: propriedade de um corpo que faz com que ele resista ou se oponha à passagem de outro corpo. Assim, os textos-moldura das edições mais recentes de *ECV* podem ser caracterizados como *corpo enunciativo-discursivo* de resistência, na medida em que se contrapõem à tradição de importar vozes de renomados estudiosos estrangeiros para justificar, explicar, abonar as traduções e (re)traduções. Essa contraposição, longe de excluir o amplo diálogo em torno das obras e do pensamento bakhtiniano, expõe-se como voz, como entonação valorativa que delinea a identidade brasileira de estudos de bakhtinianos, a constituição científica e institucional de seus contempladores. Essa nova condição, presente também em outras traduções/retraduções dos trabalhos do Círculo, foi constituída a partir de pesquisas realizadas em fontes primárias, possibilitadas por novos contextos de recepção, e foram geradas e são geradoras de institucionalização da pesquisa e dos pesquisadores.

As primeiras edições de *ECV*, publicadas em 1992 e 1997 pela Editora Martins Fontes, com tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira, trazem, como veremos mais adiante, um texto-moldura de Tzvetan Todorov (1939-2017), filósofo e linguista búlgaro, que viveu na França a partir da década de 1960. Em 2003 aparece uma nova edição, com tradução direta do russo, realizada por Paulo Bezerra, na qual o texto-moldura das anteriores se mantém, com pequena mas significativa diferença: ele vem acompanhado de uma introdução assinada pelo tradutor Paulo Bezerra. Vemos que entre as edições dos anos 1990 e a dos anos 2000, se a tradição permanece, um corpo discursivo novo insinua-se e instala-se, ocupando parte do limiar. Atualmente, os textos incluídos em *ECV*, assim como outros ensaios bakhtinianos, estão sendo reagrupados por Paulo Bezerra, e publicados pela Editora 34, com traduções diretas do russo e com textos-moldura assinados exclusivamente por pesquisadores brasileiros.

## 2 ECV – 1992 E 1997: UM PREFÁCIO DE ESTIRPE EUROPEIA

[...] cada ideia é a ideia de alguém, situa-se em relação a uma voz que a carrega e a um horizonte a que visa.

*Tzvetan Todorov*

Se, no momento da publicação da primeira obra do Círculo no Brasil – *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1979) –, o país sofria com a ditadura militar (1964-1985), em 1992 respiram-se ares menos totalitários, e de bastante efervescência na academia, por conta dos grandes debates em torno das novas políticas de avaliação da educação superior. O número de instituições superiores públicas se amplia (200, em 1980; 227 em 1992), mas ainda é menor do que aquelas do âmbito privado (666, em 1992)<sup>2</sup>. É com esse ambiente social, acadêmico e cultural, que já conhecia ao menos quatro traduções das obras do Círculo – *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (Bakhtin, M. (Volochinov), 1979); *Problemas da poética de Dostoiévski* (Bakhtin, 1981); *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (Bakhtin, 1987); *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance* (Bakhtin, 1988) –, que a primeira edição de *ECV* vai dialogar.

Trata-se de uma coletânea, hoje largamente conhecida e mobilizada pelos estudiosos da perspectiva dialógica, que reúne textos essenciais para o conhecimento dos trabalhos realizados por Mikhail Bakhtin ao longo dos anos compreendidos entre 1919 e 1971. Foi publicada na Rússia em 1979, quatro anos após a morte do pensador, com o título *Estetika Sloviésnova Tvóchestva [Estética da criação literária]*. As edições de 1992 e de 1997, apesar das diferentes capas, são praticamente idênticas.

Embora já tivéssemos, desde a década de 1980, dois trabalhos de Bakhtin traduzidos diretamente do russo (1981 e 1988), é Maria Ermantina Galvão G. Pereira quem traduz *ECV* a partir do francês (Bakhtine, 1984). Conhecida pela tradução de vários pensadores franceses, caso de René Descartes, Celestin Freinet, Merleau-Ponty, Chaïm Perelman, coube-lhe a tradução de um pensador russo, Mikhail Bakhtin, em dicção francesa.

Nas primeiras edições, como mostra o sumário (1992; 1997), estão presentes os seguintes textos: “O autor e o herói” (1924-27/1979); “O romance de educação na história do realismo” (1936-38/1979); “Os gêneros do discurso” (1951-53/1979); “O problema do texto (1959-61/1979)”; “Os estudos literários hoje” (1970); “Apontamentos 1970-1971 (1970-71/1979)”; “Observações sobre a epistemologia das ciências humanas” (Fim dos anos 30, início dos 40/1979), exatamente como a edição francesa, ou seja, sem quatro estudos presentes na edição russa de 1979 – “Arte e responsabilidade” (1919); “A respeito de *Problemas da obra de Dostoiévski*” (1929); “Reformulação do livro sobre Dostoiévski” (1961/1962); “Conferências sobre história da literatura russa. Viatcheslav Ivánov; Peculiaridades formais da poesia de Viatcheslav Ivánov” (1920).

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392000000100006](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100006). Acesso em 27 ago. 2023.

É importante destacar que, ao longo da obra, antecedendo cada um dos ensaios, há sempre uma nota de rodapé, em página em branco à esquerda, com o título da edição original e alguma informação dos arquivos: é a voz do(s) tradutor(es) emoldurando os ensaios. Também nesse aspecto, a fidelidade à edição francesa é total. No entanto, as cuidadosas notas da edição de 2003 (Bezerra, 2003, p. 423-468), referentes a cada um dos ensaios, esclarecem e corrigem várias daquelas informações, com base nas Notas de I. Kagan e Yu M. Kagan, I. K. Kanáiev e V. V. Kojínov, organizadores da edição russa original (cf. Bezerra, 2003, p. IX; p. 423).

No que diz respeito aos demais textos-moldura da obra, encontramos, nessas duas primeiras edições: Orelha 1, com uma breve adaptação do prefácio de Todorov; Orelha 2, com títulos do catálogo de “Literatura e Comunicação” (publicidade); e o “Prefácio”, assinado por Tzvetan Todorov.

Esse “Prefácio” teve um papel fundamental na recepção de Bakhtin no Brasil e não apenas em consequência de “emoldurar” *ECV*, mas pelo fato de ser um consistente ensaio. Conhecido e reconhecido por suas atividades acadêmicas, científicas, tradutórias, Todorov, desde a década de 1960, publicou várias obras dedicadas aos estudos da linguagem. Radicado na França desde os anos 1960, próximo dos estruturalistas franceses (foi orientado por Roland Barthes), é autor de clássicos dos estudos literários, mas também da história das ideias, alteridade, amor, barbárie, democracia e vida cotidiana, entre outros temas. Em determinada época, dedicou-se aos escritos do Círculo, como se pode constatar na obra *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique: suivi de écrits du Cercle de Bakhtine* (Todorov, 1981), que antecede a publicação francesa de *ECV* e que, mesmo sem tradução para o português, foi lida e amplamente mobilizada por estudiosos brasileiros da perspectiva dialógica.

Por essas razões, a assinatura/autoria desse texto-moldura atuará como chave deflagradora da atenção do leitor, expondo um contemplador-autor, esse *segundo sujeito* que, de acordo com Bakhtin, “[...] reproduz (para esse ou outro fim, inclusive para fins de pesquisa) o texto (do outro) e cria um texto emoldurador (que comenta, avalia, objeta, etc.)” (2016, p. 73), antecipando o enunciado do autor e aproximando-se dele, dialogicamente, a ponto de presentificar-se como uma voz indissociável do todo do enunciado. É o próprio Todorov quem atesta o diálogo constitutivo estabelecido entre dois sujeitos discursivos (o autor e o contemplador) em seu “Prefácio”:

Reduzir o outro (aqui o autor estudado) a um objeto é ignorar-lhe a característica principal: a saber, que é justamente um sujeito, ou seja, alguém que fala - exatamente como estou fazendo ao dissertar sobre ele. Mas como dar-lhe de novo a palavra? *Reconhecendo o parentesco de nossos discursos, vendo em sua justaposição não a da metalinguagem e da linguagem-objeto, mas o exemplo de uma forma discursiva muito mais familiar: o diálogo. [...] nossos dois discursos estão em relação dialógica [...]* (1997, p. 18-19; itálicos nossos).

Dessa forma, no enunciado concreto, ou seja, na totalidade da obra enquanto instância semiótico-ideológica produtora de sentido, lugar social, histórico, cultural, acadêmico etc., estão presentes ao menos duas vozes: a do autor da obra e a do prefaciador, no caso de *ECV*. A segunda voz, além de apresentar a obra, discutir sua importância para a construção do conhecimento, desenha e faz ver, com sua convincente alteridade, o anunciado *objeto* de conhecimento (e desejo!), ao alcance das mãos do interlocutor-leitor, que é convidado a participar do diálogo. O texto-moldura, portanto,

revelando o contexto particular, específico, em que a tradução se dá, traz o leitor para junto da obra emoldurada (limiar, vestíbulo do todo arquitetônico), pelo convidativo ponto de vista das lupas do sujeito-contemplador. Neste caso, o prefaciador (Todorov) é um criador de discursividade, conhecido e reconhecido no mundo acadêmico, constituindo-se como uma voz com quem a academia está pronta a dialogar, debater, concordar ou rejeitar posições.

A qualidade do prefácio é indiscutível. Dialogando inicialmente com a academia francesa, a primeira das três partes valoriza muito positivamente Mikhail Bakhtin, “uma das figuras mais fascinantes e enigmáticas da cultura europeia de meados do século XX” (Todorov, 1992/1997, p. 1; 2003, p. XIII). Em busca das razões dessa fascinação, ele apresenta as características da obra traduzida e de seu autor, incluindo variados temas, principais estudos bakhtinianos, obras póstumas, questões controversas de autoria – naquele momento, Todorov reconhecia Bakhtin como “autor” ou “coautor principal” dos livros de V. N. Volóchinov e Pavel N. Medviédev, apoiando-se em “fontes autorizadas” soviéticas (p. 2).

Continuando o diálogo com a academia francesa (e, agora, também com a brasileira), a segunda parte é dedicada a responder à pergunta: “[...] como situar Bakhtin em relação à evolução das ideologias no século XX?” (Todorov, 1992/1997, p. 3; 2003, p. XV). Ele vai situar polemicamente a obra bakhtiniana no panorama geral das principais tendências dos estudos de literatura e linguagem e, especialmente, do pensamento filosófico-estético. Nessa minuciosa e original leitura, Todorov traz para o diálogo a crítica de Bakhtin aos formalistas russos, mas também, Schelling, Jean-Paul Sartre, apontando aspectos com os quais concorda e outros dos quais discorda. Ao aproximar a filosofia de Bakhtin à dos românticos, afirma que isso “limita a originalidade de sua posição” (p. 6). Ao mesmo tempo, porém, acrescenta que seu pensamento “não se limita a isso, pelo contrário” (p. 6); ou, ao comentar a tese bakhtiniana sobre a “igualdade entre herói e autor” em *Problemas da poética de Dostoiévski*, afirma que “Bakhtin parece estar confundindo duas coisas. Uma é que as ideias do autor sejam apresentadas por ele [...]. A outra é que o autor esteja no mesmo plano que suas personagens. Ora, nada autoriza tal confusão [...]” (p. 13). Em seguida, o diálogo de discordância concede: “Bakhtin percebeu bem uma particularidade da obra de Dostoiévski, mas se enganou na maneira de designá-la” (p. 13).

Por meio dessas entonações, compreendemos que Todorov sublinha o modo como Bakhtin trata o romance de Dostoiévski: “[...] cada ideia é a ideia de alguém, situa-se em relação a uma voz que a carrega e a um horizonte a que visa” (1997, p. 8; 2003, p. XX-XXI). E esse horizonte é não apenas espacial, mas também temporal. É por meio desses contínuos acentos valorativos que o leitor observa o diálogo entre os dois sujeitos cognoscentes, discursivos, e anseia por ler e se posicionar diante da obra.

É preciso destacar que o “Prefácio”, sendo de 1984, antecede a publicação da coletânea no tomo 5 das *Obras reunidas (Sobránie sotchiniénii*, Moscou, Rússkii Slovarí, 1997) do Círculo na Rússia, com organização de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli (cf. Bezerra, 2016, p. 7). Por essa razão, ao ensaiar uma classificação por períodos da obra de Mikhail Bakhtin – fenomenológico, sociológico, período histórico-literário –, deixando claro que todos “participam de um projeto comum” (Todorov, 1992/1997, p. 16; 2003, p. XXVIII), Todorov propõe uma leitura com a qual muitos ainda vão dialogar, comentando, avaliando, e fazendo objeções... Esse item, bastante detalhado

e interpretativo em relação ao pensamento bakhtiniano, do qual pouco se conhecia naquele momento, termina enfatizando o modo como a perspectiva bakhtiniana é importante na compreensão do *sentido*: “O sentido é liberdade e a interpretação é o seu exercício: esse parece realmente ser o último preceito de Bakhtin” (1997, p. 20; 2003, p. XXXII).

No terceiro item, que consta apenas das 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. edições (1992/1997) brasileiras, há uma explicação sobre a coletânea *ECV*, sobre os textos que a compõem na edição russa e os que ficaram de fora na edição francesa e brasileira, textos que estarão presentes na edição seguinte, traduzida diretamente do russo por Paulo Bezerra. Todorov finaliza o “Prefácio”, afirmando:

O volume russo publicado em 1979 comporta além disso: uma breve nota, primeira publicação conhecida de Bakhtin, datada de 1919 e intitulada “Arte e responsabilidade”; trechos da primeira edição do livro sobre Dostoiévski, não retomados na segunda; um projeto de revisão do livro sobre Dostoiévski; em apêndice, as notas de aula de uma ouvinte de Bakhtin (o curso versava sobre o poeta russo Viatcheslav Ivanov); e nas notas, trechos de cartas e de rascunhos (Todorov, 1992/1997, p. 21).

A assinatura de peso na teoria literária e nas ciências humanas em geral, juntamente com a qualidade, o ineditismo e mesmo os aspectos polêmicos do conteúdo que apresenta, garantem a presença desse “Prefácio” na edição seguinte, de 2003. Observando, porém, as edições de 1992 e 1997, constatamos que os modos de ler, no contexto de recepção brasileiro, seguem o contexto francês, num diálogo de concordância, aceitação... Não há um texto emoldurador criado por brasileiros. A própria organização e escolha de textos segue a edição francesa, como já enfatizamos.

### 3 *ECV* – 2003. A TRADUÇÃO DE UM ESPECIALISTA: PAULO BEZERRA

A edição de 2003, com muitas reimpressões, foi realizada a partir do original russo por Paulo Bezerra, identificado na página de rosto como “Livre-docente em literatura russa pela USP, professor de Teoria da literatura na Universidade Federal Fluminense”. Trata-se de um especialista, que já havia traduzido, diretamente do russo, *Problemas da poética de Dostoiévski*, em 1981<sup>3</sup>, reconhecido, também, por suas traduções literárias e por sua atuação acadêmica. Ele assina uma curta, mas importante Introdução (2003, p. IX-XII), que antecede o prefácio de Tzvetan Todorov. Este último reaparece, na tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira, com a informação de que é um Prefácio à edição francesa, e sem a terceira parte, uma vez que, como mostra o “Índice”, são publicados os quatro ensaios que não constavam das duas primeiras edições, conforme já indicamos: “Arte e responsabilidade”; “A respeito de *Problemas da obra de Dostoiévski*”; “Reformulação do livro sobre Dostoiévski”; “Conferências sobre história da literatura russa. Viatcheslav Ivánov; Peculiaridades formais da poesia de Viatcheslav Ivánov”.

Essa tradução de *ECV* representa inestimáveis ganhos para o leitor/estudioso do pensamento do Círculo no Brasil. O primeiro, sem dúvida, é a obra ter sido traduzida para o português diretamente do russo, por um “crítico, ensaísta, professor e pesquisador”,

<sup>3</sup> Ver Brait (2021).



especialista em literatura russa e em M. Bakhtin. Mais que isso, é um estudioso que se posiciona criticamente em relação à própria tradução, tanto na breve, mas importante “Introdução” (p. I-XII), como também na *fidelidade* ao original, como vimos pelo “Índice”, que contempla todos os ensaios da edição russa; e, ainda, conforme afirmado anteriormente, pelas “Notas” dos organizadores russos que contextualizam o livro e se encontram ao final da obra. De acordo com Bezerra, trata-se de “uma inestimável contribuição para a compreensão dele [ECV] e do conjunto da obra de Bakhtin” (BEZERRA, 2003, p. IX).

Se as Orelhas 1 e 2 reproduzem as primeiras edições, a “Introdução” traz o tradutor, pesquisador brasileiro, posicionando-se enquanto autoridade em relação à tradução do próprio título da obra e às escolhas tradutórias de termos conceituais, justificando cada escolha com base nos termos russos e suas derivações, ou em seu conhecimento dos conceitos bakhtinianos presentes nessa e nas demais obras do Círculo. O cuidado com a terminologia é fruto do conhecimento do pensamento bakhtiniano, demonstrado, por exemplo, no destaque de termos russos e sua tradução justificada teoricamente. Isso se pode constatar no trecho “Algumas categorias centrais do pensamento de Bakhtin”.

Bakhtin não trabalha em nenhum momento com o conceito linguístico de significado (*znatchénie*), mas com o de sentido (*smisl*), chegando a empregar várias vezes a expressão ‘sentido significativo’ (*znatchémii smisl*) ou significado do sentido (*znatchénie smisla*). Isso se deve à prevalência que tem em seu pensamento a categoria de diálogo, do qual o sentido participa e o significado, não. Para ele, só o sentido responde a perguntas: o significado não responde e por isso está fora do diálogo. Em português não existe adjetivo para o substantivo “sentido”, por isso traduzi o adjetivo russo de sentido *smislovoi* por “semântico”, termo relativo a significação e, portanto, vinculado a sentido (Bezerra, 2003, p. XI).

As Notas (Bezerra, 2003, p. 423-468) são trazidas pelo tradutor a partir das notas dos organizadores russos. No rodapé, o agradecimento: “A redação agradece a s. I. Kagan e Yu. M. Kagan, a I. I. Kanáiev e V. V. Kojínov pela cessão das cartas de Bakhtin, aproveitadas nestas notas” (Bezerra, 2003, p. 423). Elas se referem a cada um dos ensaios da coletânea, apresentando a data de redação (ou publicação) de cada um deles, comentários, observações e esclarecimento sobre conceitos; diálogo com outras obras/ensaios de Bakhtin, ou do Círculo, ou outros autores. São bem mais completas que as sucintas notas de rodapé que antecediam os ensaios nas edições traduzidas do francês de 1992 e 1997. Bezerra continua apondo notas de rodapé a respeito de conceitos e tradução de termos das próprias notas, num minucioso e bem cuidado trabalho de tradutor-especialista, autor-contemplador, segundo sujeito, atento às necessidades do estudioso do pensamento do Círculo que não conhece a língua russa. São bem conhecidos os problemas e equívocos ocasionados pela tradução e recepção não cronológica do conjunto da obra do Círculo no Ocidente; em virtude disso, o tradutor procura contextualizá-la mais acuradamente.

Assim, esse novo momento da recepção de *ECV*, de sua nova tradução (retradução), nos mostra novos modos de ler e escrever o texto (re)traduzido (Matos; Faleiros, 2014, p. 54): os textos-moldura indiciam novo contexto de recepção. Todorov se mantém, mas agora o tradutor, Paulo Bezerra, devidamente qualificado na página de rosto e em suas reconhecidas atividades acadêmicas-tradutórias, assina a tradução diretamente do russo

e, ainda, comenta, avalia e critica a anterior (1992-1997). Produz-se, então, um novo diálogo entre os contextos de recepção – agora os contextos russo, francês e brasileiro: “[...] a interpretação [dos autores dos textos-moldura] completa o texto: ela é ativa e criadora. A interpretação criadora continua a criação, multiplica a riqueza artística da humanidade. A cocriação dos intérpretes” (Bakhtin, 2017, p. 35-36).

#### 4 NOVOS TEMPOS, NOVA ORGANIZAÇÃO DOS ENSAIOS PRESENTES EM *ECV*

A partir de 2013, a Editora 34 começa a publicar novas traduções e retraduições da obra do Círculo. Paulo Bezerra é um dos responsáveis pela reorganização, agrupando por “afinidades” tanto os ensaios antes reunidos em *ECV* como os que compõem *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Neste artigo, nos deteremos somente nas novas edições oriundas de *ECV*.

A estreia dessa reorganização se dá com *Os gêneros do discurso* (2016) que, nesta nova edição, incorpora de forma pertinente quatro textos que se complementam: dois anteriormente publicados em *ECV*, “Os gêneros do discurso” e “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, amplamente mobilizados pelos estudiosos da perspectiva dialógica, interessados em interligar *enunciado*, *texto* e *gênero*, e dois inéditos: “Diálogo I. A questão do discurso dialógico” e “Diálogo II”, ambos constituídos de anotações preciosas para o aprofundamento de conceitos como *palavra*, *compreensão*, *intercompreensão*, *enunciado*, *diálogo*, *monólogo*, *língua*, *discurso*, *comunicação discursiva*, *estilo discursivo*, *outro* etc.

Em 2017, *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* dá continuidade ao projeto, reunindo três ensaios constantes de *ECV*: “A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*)”; “Fragmentos dos anos 1970-1971”; “Por uma metodologia das ciências humanas”.

Nessas duas reedições dos ensaios de *ECV*, praticamente todos os textos-moldura são assinados por Paulo Bezerra, exceção das Orelhas, assinadas por outros consagrados pesquisadores brasileiros. Em ambas há uma Nota à edição brasileira, antecedendo os textos, e dois posfácios – “No limiar de várias ciências” (2016) e “Bakhtin remate final” (2017) –, além de informações sobre o autor e tradutor.

Reconhece-se, dessa forma, o tradutor-especialista em estudos bakhtinianos e em literatura russa, reiterando-se a imagem de um pesquisador que vem estudando de forma sistemática o acervo bakhtiniano. Sem dúvida, a assinatura Paulo Bezerra tem hoje, no Brasil, uma força muito grande, atraindo leitores para suas impecáveis (re)traduções e para as importantes discussões teóricas que propõe. Tratemos de cada obra separadamente.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Entre a entrega deste artigo e sua revisão final para publicação, mais um texto presente em *ECV* foi retraduzido por Paulo Bezerra: *O autor e a personagem na atividade estética*, e publicado pela mesma Editora 34, em 2023. Além de preciosos paratextos, a obra foi acrescida de uma Introdução, constituída por um trecho que não havia aparecido nas outras traduções e que faz toda a diferença para a compreensão do todo e da relação direta desse texto com *Para uma filosofia do ato ético*. Teremos, portanto, mais material para a discussão dos ganhos com as novas traduções.

#### 4.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO (2016): UM BEST SELLER DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A capa desse volume segue um modelo padrão, adotado pela Editora 34 para todas as obras do Círculo, desde *Questões de estilística no ensino da língua* (Bakhtin, 2013). No momento, são 8 títulos (mas já se sabe que há outros em preparação). Isso é um diferencial brasileiro do ponto de vista da recepção do *pensamento bakhtiniano*, atestando a institucionalização dos pesquisadores e intensa circulação dessa concepção de estudo do discurso. A Orelha (1 e 2) traz um texto-moldura sobre a obra e seu tradutor, assinado pela pesquisadora brasileira Beth Brait, estudiosa da obra do Círculo e uma das responsáveis pela designação *Análise Dialógica do Discurso* (ADD), vertente da análise do discurso, derivada da obra do Círculo, que se diferencia das demais ADs (francesa, crítica etc.). Na orelha, Brait retoma um dos aspectos-chave deste artigo: considerar que a “tradução é uma relação singular, estabelecida entre um texto de partida e um contexto de chegada, implicando modos de ler e reler uma obra e seu autor”. Apresenta, a seguir, Paulo Bezerra e os ensaios da obra.

A pesquisadora salienta a oportunidade dessa organização, que justapõe os ensaios “Os gêneros do discurso” e “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” em um único volume, na medida em que eles articulam conceitos essenciais da arquitetura dialógica, caso de *enunciado, texto, discurso, gêneros do discurso...* Evoca, ainda, as dimensões de existência de um *texto*: “materialidade sígnica ou *dimensão semiótica e singularidade* na cadeia da comunicação discursiva da vida em sociedade”, que, combinadas, permitem “o reconhecimento [de um texto] como pertencente a um sistema (linguístico, pictórico, musical etc.), e, ao mesmo tempo, como portador de valores...” Finalmente, trata dos dois inéditos, cujo foco é “uma das peças-chave da teoria bakhtiniana” – o diálogo. São anotações produzidas por Bakhtin antes da escrita de “Os gêneros do discurso”. No último parágrafo assinala a importância do “substancial ensaio” – o posfácio, de Paulo Bezerra: “No limiar de várias ciências”. Primeiro convite para o leitor adentrar o volume.

A quinta página dessa cuidadosa edição traz o conteúdo da obra: “Notas à edição brasileira”; “Os gêneros do discurso”; “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”; Anexos: “Nota do tradutor aos “Diálogos”; “Diálogo I. A questão do discurso dialógico”; “Diálogo II”; “Posfácio”, Paulo Bezerra; “Sobre o autor”; “Sobre o tradutor”.

Nas Notas à edição brasileira, visando às traduções e aos leitores, Paulo Bezerra contextualiza cada um dos ensaios da coletânea, informando data e local em que foram primeiramente publicados, e identificando o original que serviu de base para a tradução: *Obras reunidas* de M. M. Bakhtin (*Sobranie sotchiniénii*, Moscou, Rússkii Slovarí, 1997), tomo 5, volume organizado por S. Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. Lembra que os dois “Diálogos” permaneceram inéditos até sua publicação pela primeira vez na Rússia, em 1997.

O posfácio, “No limiar de várias ciências” (2016, p. 151-170), é um texto-moldura configurado como um ensaio robusto, digno da especialização do tradutor e do momento em que os estudos bakhtinianos se encontram. Nele, Bezerra chama a atenção dos leitores para a coerência dos textos aí reunidos, enquanto composição teórica interligada por uma

das unidades temáticas própria do pensamento bakhtiniano – os gêneros do discurso –, relacionando-a a outros trabalhos do autor e justificando e discutindo, teórica e metodologicamente, a importância do conjunto. Ressalta a importância da obra para os pesquisadores brasileiros, considerada a inclusão dos inéditos (“Diálogo I. A questão do discurso dialógico” e “Diálogo II”), identificando claramente a quem ela se dirige, seu contexto de chegada: “os nossos estudiosos de Bakhtin” (p. 151).

Há, ainda, referências ao fato de que houve modificações na redação, terminologia etc., visando a uma maior precisão nos termos. Sobre a nova organização e desmembramento dos ensaios de *ECV* Bezerra (2016, p. 151) explica:

Na realidade, *Estética da criação verbal* não é um livro tematicamente uniforme: são três livros em um, todos diferentes entre si pelos objetos de análise e reflexão, além de dois textos sobre Dostoiévski e outros quatro sobre diferentes temas de ciências humanas.

É o especialista que, ao contextualizar os ensaios, relaciona-os a *O discurso no romance* (Bakhtin, 2015), no qual se encontram “reflexões sobre gênero [...] consideradas a antessala de ‘Os gêneros do discurso’” (Bezerra, p. 158). E lembra que “[...] a teoria dos gêneros lança uma ponte entre a concepção de linguística do mestre e sua teoria literária” (Bezerra, p. 159). São importantes reflexões sobre o pensamento bakhtiniano, que enriquecem a leitura que os estudiosos brasileiros do Círculo vêm fazendo, acrescentando e pluralizando sentidos. Quase concluindo o ensaio, o tradutor afirma que

[...] o presente livro é um amálgama de diálogos entre ciências fronteiriças como linguística, filologia, antropologia, psicologia da recepção e teoria literária que Bakhtin pretendia fundir numa única ciência multidisciplinar que concebia como *metalinguística*.

Se tivéssemos de escolher um “herói” para as reflexões gerais de Bakhtin em torno do conjunto das ciências humanas, certamente escolheríamos um: o discurso. Mas o discurso visto de uma perspectiva filosófica tão ampla que não cabe no leito de Procusto das definições correntes nas ciências humanas, especialmente na linguística e na teoria literária (Bezerra, 2016, p. 168-169).

A compreensão dos complexos meandros de “Os gêneros do discurso”, trabalho nem sempre compreendido e mobilizado em suas reais especificidades e consonância com outros estudos de Bakhtin e de outros pensadores do Círculo, se aclara pela reflexão fundamentada de Bezerra. A (re)tradução e esse texto-moldura ganham corpo e lugar na cultura brasileira, explicitando criticamente o novo contexto de recepção e constituição dos estudos bakhtinianos no Brasil.

#### 4.2 NOTAS SOBRE LITERATURA, CULTURA E CIÊNCIAS HUMANAS (2017): UMA AUSPICIOSA ARTICULAÇÃO

Esse volume segue os moldes do anterior, em termos de capa e reorganização de textos. O sumário está assim organizado: “Nota à edição brasileira”; “A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*”); “Fragmentos dos anos 1970-1971”; “Por uma metodologia das ciências humanas”; “Bakhtin: remate final, Paulo Bezerra”; “Sobre o autor”; “Sobre o tradutor”. Como vemos, são outras três (re)traduções de textos presentes em *ECV*.

Na Orelha (1 e 2), Luís Filipe Ribeiro, professor de literatura e teoria da literatura, na Universidade Federal Fluminense, apresenta-nos, de modo muito vivo e cativante, os textos que o leitor encontrará no volume. É seu entusiasmo por Bakhtin e seu pensamento o fio condutor do texto. Conta-nos como conheceu o tradutor, Paulo Bezerra, quando retornava do exílio na União Soviética para o Brasil; como “descobriu” Bakhtin, destoante de seu mundo teórico acadêmico arrumado, com cada coisa em seu lugar:

As prateleiras do conhecimento organizadas e catalogadas, como pede e pedia o mundo acadêmico... E deu-se o desmastreio! O furacão do pensador russo derrubou velhas certezas, pôs no chão as teorias que ameaçavam cristalizar-se como verdades para um pós-graduando dos anos 70 do século passado...

E Bakhtin é isso! É essencialmente, um desconstrutor dos conceitos estabelecidos, que conduzem, necessariamente, ao autoritarismo teórico, doença infantil das nossas universidades...

Com este “convite a questionar”, Ribeiro retoma os conceitos bakhtinianos de *sentido* e de *significado*, e desperta o leitor tanto para as possibilidades de outras descobertas por meio da leitura dos textos da coletânea como também para o “brilhante” ensaio de Bezerra.

O posfácio, “Remate final”, brilhante e competente ensaio de Paulo Bezerra, apresenta quatro sequências interligadas: (i) Uma introdução, com a explicação das razões para reunir os três textos que compõem a edição; (ii) A quebra de paradigmas, em que Bezerra expõe as características do primeiro texto, “A ciência da literatura hoje”, definindo-o como “[...] uma espécie de epistemologia da literatura e da cultura, pela amplitude da temática aí desenvolvida” (2017, p. 82); (iii) O *grande tempo*, conceito fundamental no pensamento de Bakhtin, que vai ser perseguido, esclarecido e mobilizado por Bezerra na obra do pensador russo, relacionando-o com os demais textos da “coletânea” e com a ideia de diálogo de culturas; (iv) Extralocalização, distância, distanciamento: *vnienakhodimost*, momento em que Bezerra interliga os conceitos discutidos nesse posfácio, conforme postulados de Bakhtin.

Ao finalizar, afirmando que haveria outros tantos conceitos a serem discutidos e interligados, deixa uma afirmação como traço fundante desse Bakhtin apresentado no posfácio:

Em seus últimos anos, Bakhtin refletiu a fundo sobre a problemática das ciências humanas e deixou uma definição metodológica bem consoante com sua visão dialógica do mundo e da cultura, capaz de mudar o destino da investigação dessas ciências: o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante* (Bezerra, 2017, p. 96; itálicos do autor).

Como um segundo sujeito de compreensão da obra, como contemplador, o autor do texto-moldura dirige-se a um terceiro destinatário também expressivo e falante – aqui, especialmente o leitor brasileiro de uma tradução ou retradução de uma das obras do Círculo –, pois é certo que a palavra “[...] sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediata* mas abre caminho sempre mais e mais à frente (de forma ilimitada)” (Bakhtin, 2016, p. 105; itálicos do autor).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou mostrar como os textos-moldura, no *limiar* das diferentes edições dos ensaios inicialmente presentes em *Estética da criação verbal*, permitem entrever a evolução do pensamento bakhtiniano nos estudos brasileiros da linguagem, do discurso. O *diálogo*, tão presente entre os contextos de recepção francês e brasileiro das primeiras traduções, se ampliou, com a forte presença do contexto original russo nos estudos atuais.

Incorporados aos textos do Círculo, com os quais constituem um amplo enunciado concreto, os textos-moldura, além de mostrar possíveis alterações na recepção do pensamento bakhtiniano no Brasil, ainda permitem a compreensão dos diferentes *contextos emolduradores criados*, os quais interrogam, fazem objeções e, sobretudo, avaliam os trabalhos bakhtinianos a partir da esfera acadêmica nacional que, sem perder de vista o *exterior*, se constitui com *identidades próprias*. Se houve momentos em que as traduções de obras do Círculo vinham emolduradas por textos assinados por renomados intelectuais estrangeiros, caso de Jakobson, Yaguello<sup>5</sup> e Todorov, hoje os textos-moldura são todos de autoria de pesquisadores brasileiros da obra bakhtiniana, refletindo e refratando o sólido campo de estudos dialógicos do discurso.

Desse modo, a pesquisa nos mostra, por um lado, uma *tradição* de 40 anos na esfera acadêmico-científico brasileira, inaugurada com a importantíssima tradução de *MFL*, a partir do francês, em 1979. No entanto, também nos mostra uma *ruptura*, pois os *textos-moldura* apontam a *resistência brasileira* aos textos não traduzidos diretamente do russo, a busca de um rigor cada vez maior nas traduções/retraduções, a exigência de conhecimento dos contextos de produção de cada um dos trabalhos, a necessidade de textos assinados por estudiosos brasileiros, apresentando, comentando, avaliando a obra original.

Finalizamos com a re-enunciação da ideia de que os textos-moldura, tal qual os apresentados neste artigo, fazem parte do todo de um enunciado (tradução+textos-moldura), não podendo ser descartados sob pena de entendermos uma (re)tradução como idiossincrasia de um tradutor, ou de vários, e não como *um modo de ler* a partir de determinados contextos. Nesse sentido, os textos-moldura de *ECV* ajudam a identificar diferentes faces da recepção brasileira de Bakhtin e o Círculo, são uma porta de entrada para sua compreensão. Mostram, em um determinado momento, nossa dependência em relação ao que se conhecia a respeito do pensamento bakhtiniano no mundo. Revelam, ainda, de maneira muito especial, a face contemporânea da perspectiva dialógica do discurso, institucional e paulatinamente construída e solidificada.

Hoje, o que se conhece e mobiliza desse complexo e frutífero pensamento vem pela via da pesquisa brasileira de fontes, textuais e contextuais, documentos buscados em arquivos e bibliotecas russas e dos quarenta anos de formação de pesquisadores profissionais críticos, que imprimem, dialogicamente, sua assinatura na construção dos conhecimentos viabilizados por Bakhtin e o Círculo.

<sup>5</sup> Ver Brait e Pistori (2020).

**REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 1-192.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Iara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Apresentação Beth Brait. Organização e notas da edição russa Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvili. São Paulo, Editora 34, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário Paulo Bezerra. Organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. Orelha Cristovão Tezza. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 19-241.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. Orelha Beth Brait. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71-107.
- BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. Orelha Luís Felipe Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. Orelha Luís Felipe Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução (do francês) Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAKHTINE, Mikhail. *Esthétique de la création verbale*. Traduit du russe par Alfreda Aucouturier. Préface de Tzvetan Todorov. Éditions Gallimard, 1984.
- BEZERRA, Paulo. Introdução. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. IX-XII.
- BEZERRA, Paulo. Notas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 423-468.
- BEZERRA, Paulo. Notas à edição brasileira. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 7-8.
- BEZERRA, Paulo. Posfácio. No limiar de várias ciências. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 151-170.
- BEZERRA, Paulo. Bakhtin: remate final. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 81-96.

BEZERRA, Paulo. Notas à edição brasileira. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-8.

BRAIT, Beth. Problemas da poética de Dostoiévski: a recepção brasileira. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.16, n. 2, p.70-89, abril/jun. 2021. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/48770/35074>. Acesso em 03/12/2021.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. *Marxismo e filosofia da linguagem: a recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil*. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-63, junho 2020.

Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-45732020000200033&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732020000200033&lng=en&nrm=iso). Acesso em 30 maio 2020.

BRAIT, Beth. A chegada de Voloshinov/Bakhtin ao Brasil na década de 1970. In: Ana Zandwais. (Org.). *História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: UPF Editora, 2012, v. 1, p. 216-243.

GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MATOS, Thiago; FALEIROS, Álvaro. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. *Revista Letras Raras*, vol.3, n.2, p. 35-57, fev. 2015.

<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307/241> Acesso em: 18 maio 2016.

RIBEIRO, Luís Filipe [Orelha]. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique*. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 1981.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 1-21.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. XIII-XXXII.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. Orelha Beth Brait. São Paulo: Editora 34, 2017.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.